

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA**

MARIA FERNANDA RABELO GOMES DA COSTA

**A MÚSICA NO CONVÍVIO FAMILIAR DE CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS: UM ESTUDO
COM BASE NO PROJETO PRIMEIROS TONS**

**CAMPO GRANDE - MS
2025**

MARIA FERNANDA RABELO GOMES DA COSTA

A MÚSICA NO CONVÍVIO FAMILIAR DE CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS: UM ESTUDO
COM BASE NO PROJETO PRIMEIROS TONS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Música – Licenciatura da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
como requisito parcial para obtenção de título de
licenciada em Música.

Modalidade: Monografia

Orientadora: Profa. Dra. Mariana de Araújo
Stocchero.

**CAMPO GRANDE
2025**

ESTA PÁGINA DEVE SER SUBSTITUÍDA POR UMA CÓPIA DA ATA DE DEFESA

Agradecimentos

Dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos, a todos que me ajudaram durante o processo percorrido na graduação do curso de Licenciatura em Música.

Agradeço a minha mãe Meire Rabelo que sempre me incentivou a me aprofundar e me especializar no ramo da música, me fortalecendo e aconselhando, me mostrando o valor do ensinar e ao meu pai Marcelo Peres, por ter me apresentado o mundo de fanfarras e bandas, o grande culpado por minha escolha de graduação. Agradeço aos dois por terem me apoiado e influenciado a me tornar musicista desde nova.

Agradeço ao meu irmão e amigo João Pedro Rabelo por ter me ouvido quando mais precisei, compartilhando afeto e sendo uma grande companhia em momentos difíceis.

Gratidão a todos os meus amigos que fiz ao longo do curso, em especial aos meus colegas Pedro Irineu, Thiago Carricone e Kauã Faria de Arruda. Obrigada por todo o companheirismo durante o percurso da graduação e que nossa amizade seja lembrada por todos nós.

Ao meu companheiro e amigo, Felipe Sakimoto, que pude conhecer ao longo do curso, deixando tudo mais leve e tranquilo. Transmitindo uma energia tão boa, e, claro, fazendo muitas comidinhas deliciosas que aquecem a alma. Muito obrigada por participar desse momento tão importante em minha vida, meu amor.

Agradeço a cada aluno da Associação Juliano Varela, em especial a todos os integrantes da Banda Down Rítmica, por compartilhar a paixão da música, transmitindo todo o amor e afeto. Sinto uma felicidade e gratidão todas as vezes que fazemos música juntos, levarei vocês para toda a minha vida.

“Enquanto existir amor, não haverá diferenças”.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campo Grande, por toda a experiência e amadurecimento sobre a música que me fizeram conquistar durante o percurso no campus.

A minha orientadora, Profa Dra. Mariana de Araújo Stocchero, pela grande ajuda durante a escrita do trabalho. Professora que me mostrou o grande valor da educação musical infantil, sendo uma inspiração como profissional da área. Agradeço por ter tido a oportunidade de ser orientada por esta pessoa incrível e muito amada pelo curso.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Cantando Juntos.....	27
Gráfico 2 - Escutando música juntos.....	29
Gráfico 3 - Utilizando aplicativos musicais juntos.....	32
Gráfico 4 - Gêneros musicais preferidos	34
Gráfico 5 - Frequência de uso de música para apoiar atividades na vida cotidiana..	36

Quadro 1 - Cantando Juntos	28
Quadro 2 - Escutando música juntos	30
Quadro 3 - Utilizando aplicativos musicais juntos	33
Quadro 4 - Gêneros musicais preferidos.....	35

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo identificar as formas de interação musical presentes no cotidiano de famílias com crianças de 4 e 5 anos, a partir dos dados coletados pelos questionários Music in Everyday Life – MEL, aplicados no contexto do projeto Primeiros tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos. O estudo proposto parte da compreensão de que a música exerce um papel fundamental no desenvolvimento infantil e que as experiências musicais vivenciadas por elas contribuem para os aspectos afetivos, cognitivos e sociais da criança. No entanto, está fundamentado o pouco conhecimento das formas pelas quais as famílias interagem musicalmente com crianças pequenas no cotidiano, especialmente quando essas interações envolvem o uso de tecnologias, como os smartphones e tablets. Foram analisados dados coletados de 31 famílias, que responderam ao questionário MEL, durante a pré-intervenção do projeto. Os resultados revelam que as práticas como cantar e ouvir música juntos são as atividades mais presentes no cotidiano familiar, ditas pelos pais como atividades de experiências bastante positivas. Nota-se que a música é utilizada como apoio nas atividades do dia a dia, como na realização de tarefas domésticas, brincar, acalmar a criança e na transição entre os momentos do cotidiano. Ao uso de telas, os dados mostram respostas divergentes entre elas, enquanto algumas famílias utilizam dispositivos tecnológicos como recurso de interação musical com a criança, outras famílias expressam um receio e uma preocupação com os impactos que o uso das telas pode causar na criança, mostrando uma reflexão das tensões entre a tecnologia e o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Música no cotidiano. Convívio familiar. Vivências musicais.

Interação familiar. Uso de telas.

Abstract: The present study aims to identify the forms of musical interaction present in the daily lives of families with children aged 4 and 5, based on data collected through the Music in Everyday Life – MEL questionnaires, applied within the context of the project Primeiros tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos. The proposed study is grounded in the understanding that music plays a fundamental role in child development and that the musical experiences child development and that the musical experiences children engage in contribute to their affective, cognitive, and social development. However, there is limited knowledge about the ways in which families musically interact with young children in their daily routines, especially when such interactions involve the use of technologies such as smartphones and tablets. Data collected from 31 families who responded to the MEL questionnaire during the project's pre-intervention phase were analyzed. The results reveal that practices such as singing and listening to music together are the most frequent activities in family life, described by parents as highly positive experiences. It is noted that music is used as support in daily activities, such as carrying out household chores, playing, soothing the child, and transitioning between moments of the daily routine. Regarding screen use, the data indicate divergent responses: while the child, others express concern about the potential impacts that screen use may have on the child, reflecting the tensions between technology and child development.

Keywords: Music in daily life. Family interactions. Musical experiences. Family engagement. Screen use.

Sumário

Introdução	10
1. Música no cotidiano	13
1.1 Conceito de cotidiano	13
1.2 O cotidiano familiar de crianças	14
1.3 Cotidiano musical familiar.....	17
1.4. Relações de afeto entre família e criança	18
1.5 Capacidade musical das crianças	18
1.6 Repertório musical das crianças	20
1.7 As preferências musicais das crianças	20
2. Metodologia	22
2.1 A pesquisa dos Primeiros Tons.....	22
2.2 A escala Music in Everyday Life – MEL	23
3. Apresentação e análise dos dados	26
3.1 Domínio 1: Cantando Juntos	27
3.2 Domínio 3: Escutando música juntos	29
3.3 Domínio 4: Utilizando aplicativos musicais juntos.	31
3.4 Domínio 6: Gêneros musicais preferidos.....	34
3.5 Domínio 7: Frequência de uso de música para apoiar atividades na vida cotidiana.....	36
Considerações finais	38
Referências	40

Introdução

A música é uma linguagem presente em grande parte do nosso cotidiano, tanto de forma indireta quanto direta, utilizada para comemorações, dias especiais, ou até mesmo em um dia comum, como no trabalho, nos estudos, entre outros. A música pode nos proporcionar bem-estar e redução de estresse; se usada de forma regular em nosso cotidiano, ela pode deixá-lo mais tranquilo e até divertido. Quando falamos de presença musical no cotidiano, lembramos da infância vivida em família, utilizando a música como forma de interação, e possíveis lembranças de algum membro familiar cantando alguma canção significativa.

Nesta pesquisa focaremos no contexto do cotidiano musical de famílias com crianças, em que acontece uma grande fonte de compartilhamento comunicacional entre pais e filhos. Para Ilari (2013), as crianças que vivenciam música em seu cotidiano desde a mais tenra idade, tem grande desenvolvimento na coordenação motora, na linguagem, na percepção auditiva, entre outros, favorecendo o compartilhamento de afetos entre pais e filhos. Por meio das interações musicais exercidas no convívio familiar, a criança começa a criar uma interação simbólica com o que acontece ao seu redor.

Dentro desta temática, no decorrer de um semestre, participei do projeto de pesquisa “Primeiros Tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos” realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com a Universidade de Harvard dos Estados Unidos, que buscou atender crianças de 4 a 5 anos, abrindo vagas de atividades gratuitas oferecendo musicalização infantil e oficinas de desenho. O projeto teve como objetivo desenvolver uma ferramenta de avaliação do sentimento de pertencimento por meio de mecanismos psicológicos presentes no fazer musical coletivo. Para a inscrição, os responsáveis preencheram

questionários sobre as crianças no início e no final do projeto; entre esses questionários havia o “Music in Everyday Life”, mais conhecido como MEL.¹

Após a realização das intervenções, o questionário encaminhou-se para a fase de tabulação dos seus dados e ao observar as questões presentes no MEL uma delas chamou atenção, ao envolver a utilização de aplicativos em smartphones ou tablets para tocar ou ouvir música com crianças; a questão levantou respostas distintas, mas apresentou, sobretudo, respostas negativas ao uso de telas. Tal observação suscitou certos questionamentos: como as famílias interagem musicalmente com as crianças e quais as formas de envolvimento musical presentes no cotidiano de famílias com crianças de 0 a 6 anos?

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é identificar as formas de interação musical presentes no cotidiano de famílias com crianças de 4 e 5 anos, a partir dos dados dos questionários MEL e relacioná-las ao uso de telas.

Para tanto, serão utilizados dados secundários da pesquisa *Primeiros Tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos*, e do questionário MEL. A partir das respostas obtidas e tabuladas, será desenvolvida uma análise que, articulada ao referencial teórico adotado, permitirá tecer discussões buscando entender os impactos do uso das telas na contemporaneidade.

A justificativa desta pesquisa provém da pouca quantidade de pesquisas acadêmicas envolvendo a escala MEL, dentro da área de Educação Musical, principalmente em se tratando da música no cotidiano familiar infantil. Outrossim, pesquisas sobre música no cotidiano envolvem contextos variados como o ensino escolar e também a família, mas carecem de aprofundamento. Além da questão acadêmica, o interesse pela temática também se deu pela escolha pessoal, vivenciando momentos durante a graduação, participando de projetos e estagiando em escolas de ensino regular, em que pude perceber as diferentes formas de interação com a música.

Esta monografia está dividida, portanto, da seguinte forma: no primeiro capítulo abordaremos a música no cotidiano e as variadas formas de interação em

¹ O MEL é um instrumento criado por Tali Gottfried e Grace Thompson, que auxilia no processo terapêutico de pacientes, com o envolvimento dos pais e das crianças por meio da música.

família. No segundo capítulo, a metodologia será apresentada, descrevendo ações do Projeto *Primeiros Tons* e a coleta de dados a partir da escala MEL. No terceiro capítulo, uma discussão sobre os dados é levantada e conclui-se com as considerações finais.

1. Música no cotidiano

1.1 Conceito de cotidiano

De acordo com a filósofa Agnes Heller (1970), “A vida cotidiana é a vida de todos os homens”; todos nós pertencemos à cotidianidade, independentemente da posição social e profissional; são ações que se realizam de forma constante. No cotidiano, o indivíduo lida com seus próprios princípios e interesses, porém, não consegue realizar todas as atividades de forma profunda, pois seu tempo não lhe permite o refinamento intenso de tais ocupações.

É natural do homem ter em seu cotidiano momentos importantes, segundo Agnes Heller (1970, p. 18): “[...] São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”.

Desta forma, o estilo de vida representa o conjunto de ações cotidianas que refletem as atitudes e os valores das pessoas (NAHAS et al., 2000), isto é, o estilo de vida de um indivíduo é influenciado pelas particularidades do contexto sócio-histórico e cultural ao qual ele pertence.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o estilo de vida como um conjunto de costumes, hábitos e influências que são adquiridas e modificadas ao longo da vida de um indivíduo. Tais elementos são estruturados e moldados através de incentivos nas relações sociais ocorridas durante todo o processo de socialização do ser (WHO, 2004). Desta forma, as transformações dentro da economia, da política, dos ambientes de convivência, das concepções individuais e das visões do mundo acabam sendo fatores associados e modificados ao individualismo e à vida de cada ser humano (VELHO, 1995).

O estilo de vida de acordo com a esfera das experiências inclui as escolhas e situações onde o indivíduo pode não possuir uma autonomia para realizar certas mudanças estabelecidas em sua vida cotidiana (CZERESNIA; FREITAS, 2009; FINOTTI, 2004). Além disso, o ambiente é um dos exemplos que englobam todos os fatores externos sobre os quais o homem não possui nenhum controle. O indivíduo então não consegue garantir fatores, sendo dependente de ações maiores que sua autonomia (CZERESNIA; FREITAS, 2009).

Outra grande parte orgânica da vida cotidiana do homem é o momento de lazer. Para Marcassa (2002), o lazer é uma prática criada e desenvolvida a partir de fatores históricos e sociais em que o homem está inserido, se modificando de geração a geração.

Para a expansão do conceito de lazer, Bramante (1998) aponta que o lazer é uma atividade humana repleta de expressões inseridas em um tempo livre conquistado pelo indivíduo. Nesse período, o lazer acaba se manifestando como uma experiência individual, criativa e prazerosa, servindo como uma contribuição para a convivência e a interação social do ser. Os fatores sociais, políticos, econômicos e ambientais são cruciais para a produção e vivência do lazer (BRAMANTE, 1998).

O lazer é uma prática essencial que consiste na satisfação da necessidade humana por entretenimento, desenvolvimento pessoal e repouso, prática esta que não se abstém de relações com as demais áreas de atuação do homem. A execução e vivência do lazer ao uso do indivíduo devem se fazer necessárias para a não obstrução da vida em torno do trabalho (MARCELLINO, 2002). O autor define o lazer em dois aspectos: a atitude, relação entre o sujeito e a experiência do lazer, e o tempo livre para ser dedicado ao mesmo. Portanto, o autor reforça que o lazer não é limitado apenas ao tempo que o indivíduo tem disponível em seu cotidiano, mas sim à forma que ele se apropria desse tempo, atribuindo sentido, escolha e satisfação pessoal.

Do mesmo modo, a música é um elemento presente no estilo de vida das pessoas, acompanhando as atividades do cotidiano e ajudando emocionalmente o indivíduo que a utiliza. Atuante em momentos rotineiros, podemos utilizar da música, durante o percurso do trabalho, quando o trânsito está um caos, podendo deixar o momento mais tranquilo, ou durante tarefas domésticas, em práticas de lazer ou até mesmo ouvindo-a como fundo sonoro em ambientes públicos.

1.2 O cotidiano familiar de crianças

Historicamente, a música sempre esteve ligada à vida social e cultural das pessoas, desde celebrações até práticas contemporâneas, ela foi se tornando

integrante em nosso cotidiano, tornando-se um hábito comum na vida do ser humano. Com o avanço das tecnologias, ouvir música se tornou ainda mais fácil e acessível; podemos realizar outro tipo de atividade, como fazer compras no shopping enquanto a música estará tocando ao fundo, não necessitando ser o foco da atividade.

Como mencionado anteriormente, Agnes Heller (1970) engloba atividade social sistematizada como um elemento fundamental e integrado à vida cotidiana do indivíduo. Para a autora, o homem em seus primeiros anos de vida aprende através de interações em grupo: costumes, hábitos, formas de comunicação e de comportamento, desenvolvendo os elementos da cotidianidade (HELLER, 1970). Tal perspectiva se baseia em uma educação não formal, provinda de vivências nas famílias. Segundo o Instituto Alana (2020), a educação é um processo de compartilhamento de experiências, sentidos e conhecimento, decorrente de relações em diferentes espaços e tempos, ou seja, o resultado de um processo de educação por meio das vivências entre a família e a criança.

O processo da educação não formal está ligado ao que podemos chamar de relações de vizinhança, caracterizado pelo compartilhamento do espaço e do modo de viver, da cultura, das tradições, cuidados e disputas sobre o espaço onde moramos, por fim, os recursos pertencentes a aquele espaço e à comunidade. (Instituto Alana, 2020). Deste modo, a proteção e a educação da criança e do adolescente são conquistadas a partir das vivências dentro das comunidades, com atividades que promovem o lazer, a cultura e a assistência.

O espaço das relações sociais acontece por meio da escola, da família, da igreja e de centros culturais, construindo os valores e sentidos para a criança (INSTITUTO ALANA, 2020).

Nesta seção, partiremos para as formas de vivências familiares. Segundo Cid (2015), em seu artigo sobre cotidiano familiar, que traz uma reflexão da saúde mental infantil e práticas de atividades familiares, tem como objetivo identificar o que as famílias de crianças em idade escolar de 6 a 12 anos, praticam como atividade em seu cotidiano, relacionando-as com a saúde mental das crianças conforme uma coleta de dados realizada por meio de um questionário de atividades cotidianas. Dessa forma, Bruschini (1989) descreve a família como um grupo social que compõe indivíduos com idade e sexo diferentes ou não, se relacionando no cotidiano, o que

gera um enredo repleto de emoções compartilhadas, podendo ser relações prazerosas e conflitantes. Do mesmo modo que Biroli (2024), ao falar sobre família, decorre que ela pode estar associada a diversos tipos de afetos e sentimentos, constituída como íntima e fundamental, relacionando-a com experiências que agregam à nossa identidade.

Percebe-se que o ambiente familiar não tem apenas o papel de organizar a vida cotidiana, mas também o de estabelecer um espaço privilegiado para circulação de novas ideias, hábitos e práticas. Bruschini (1989), destaca a relevância de analisar a dinâmica e o papel exercido na formação e renovação das relações sociais:

É também no cotidiano da vida familiar que surgem novas ideias, novos hábitos, novos elementos, através dos quais os membros do grupo questionam a ideologia dominante e criam condições para a lenta e gradativa transformação da sociedade. É, portanto, como espaço possível de mudanças que se observou a dinâmica familiar (Bruschini, 1989, p. 14).

Assim, a família assume um papel ativo na construção de subjetividades e na transformação social do indivíduo, tornando-a fundamental para a construção de identidade e para a produção de mudanças que se estabelecem no cotidiano. Mostrando-se a família como o elemento central para a compreensão de como os indivíduos se constituem e como a sociedade se modifica ao longo do tempo.

Com base nos pontos apresentados, avançamos para as formas de vivências entre as famílias com crianças pequenas: para isto, voltamos para o artigo de Cid (2015). Para o desenvolvimento do estudo, a pesquisa contou com a participação de 321 pais de estudantes da rede municipal de ensino da cidade de São Carlos no interior de São Paulo.

Para a coleta de dados foi desenvolvido um questionário de atividades- QAC, contendo 42 questões que abordaram: as vivências de atividades de lazer para criança e família, vivência de atividades religiosas, sobre rotinas, regras e responsabilidade que os membros familiares devem cumprir, sobre brigas/discussões pelas crianças no período que não está na escola, atividades compartilhadas entre responsável e criança no cotidiano (CID, 2015).

Dentre os resultados deste estudo, destacamos as atividades que as crianças realizam durante o período em que não estão no ambiente escolar. De acordo com a

autora, em sua pesquisa, 68% das crianças tem como rotina ficar apenas brincando em casa e assistindo TV, 21% das crianças não possuem uma rotina estabelecida durante o período fora da escola, 6% brincam nas casas de amigos ou na rua de casa e 5% não ficam em casa, permanecendo em instituições que atendem crianças no período oposto à escola.

Com base nas observações de Cid, ao falar sobre atividades compartilhadas entre pais e crianças no cotidiano, 67,9% dos responsáveis responderam que, ao longo da semana, compartilham uma ou duas atividades com a criança. Tais atividades são: conversar, brincar, fazer refeições e assistir à TV. 75% costumam brincar com as crianças, 84% costumam conversar sobre assuntos em que as crianças têm interesse e 93% têm o costume de fazer carinho na criança.

A análise de Cid nos permite identificar que as atividades compartilhadas entre pais e crianças dentro de suas rotinas são de grande importância para a saúde e o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2024) complementa esse olhar ao destacar que a criança se desenvolve de acordo com o contato que ela tem com o mundo ao redor. Brincar, conversar, cantar e ler para bebês e crianças são grandes estímulos para o aprendizado.

1.3 Cotidiano musical familiar

Crianças que convivem e interagem em uma família de ambiente acolhedor são mais saudáveis emocionalmente, desenvolvendo suas habilidades motoras e cognitivas. No que se refere ao fazer musical em casa e sua importância para o desenvolvimento infantil, Beatriz Ilari aponta:

A importância da música que se faz tanto em casa quanto na escola é enorme, porque é nesses contextos que os bebês, as crianças e os adolescentes tem a oportunidade de aprender a música de sua cultura (e de outras), de forma divertida e afetuosa, construindo assim os alicerces de suas experiências musicais futuras e desenvolvendo a sua inteligência musical. (ILARI, 2013, p. 17)

Segundo a autora, ao citar exemplos do cotidiano musical infantil, existem diversas formas de fazer música, que se baseiam nas experiências e oportunidades

que o dia a dia nos proporciona, nas habilidades motoras e cognitivas, no contexto cultural em que as crianças estão inseridas e no interesse musical. Ilari ainda reforça citando Csikszentmihaly: “A vida cotidiana não é definida apenas pelo que fazemos, mas também por aqueles com quem estamos. Nossos atos e sentimentos são sempre influenciados por outras pessoas, estejam elas presentes ou não”. (CSIKSZENTIHALY, 1999 apud ILARI, 2013, p. 27). Portanto, a música chega aos ouvidos dos pequenos por estímulo dos pais: nosso primeiro contato com a música quando criança é proporcionado pelos adultos, ouvindo o tipo de música conforme o nosso ambiente familiar nos apresenta (ILARI, 2013).

Ainda de acordo com a autora, as primeiras experiências musicais acontecem em casa, com os pais cantando, ouvindo e dançando com a criança, momentos como uma mãe cantando para o bebê enquanto o amamenta, uma babá que dança com a criança enquanto a música de Ivete Sangalo está tocando de fundo, uma avó que embala seu neto cantando uma canção de Frank Sinatra ou um menino que com um cabo de vassoura imita seu pai cantando rock.

1.4 Relações de afeto entre família e criança

Tais exemplos do cotidiano destacam o ambiente familiar como um grande recurso para o desenvolvimento musical das crianças. A música é uma forma eficaz para a comunicação, interação e transmissão de afeto entre pais e filhos (ILARI, 2013). Dessa forma, ao abordar a dimensão afetiva, observa-se que o desenvolvimento infantil não se restringe a apenas fatores genéticos ou socioculturais, mas envolve também a qualidade de afetos entre pais e filhos. A criança tende a vivenciar uma melhora em sua convivência social quando o cuidado é compartilhado em vínculos afetivos (INSTITUTO ALANA, 2020).

Sob essa perspectiva do Manual de Orientação #MenosTelas #MaisSaúde da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) atualizado em 2024, reforça que, embora tenha muitos meios de estímulos contribuintes para o desenvolvimento da criança, não há nada que substitua a presença afetiva dos pais, familiares e cuidadores, sendo fundamental nos primeiros anos da criança de 0 aos 6 anos de idade.

1.5 Capacidade musical das crianças

Ao considerar o desenvolvimento infantil sob o viés musical, o processo não parte do zero, como se acreditava no passado. Alguns cientistas defendiam que os bebês nasciam como tábulas rasas. No entanto, estudos atuais demonstram que os bebês já nascem possuindo habilidades musicais: aos 3 dias após o nascimento o bebê já reconhece a voz materna, sendo previamente seu som favorito (ILARI, 2013).

O bebê em sua fase de desenvolvimento musical já começa desde cedo a observar sons ao seu redor, olhando discretamente para sons emitidos por TV, rádio ou o som da voz de alguém conversando. Conforme vão crescendo, já podem direcionar a cabeça em direção a fontes sonoras, situação observada por fonoaudiólogos ao avaliar se o bebê possui algum problema na audição. Ou seja, a curiosidade em relação aos sons diferentes é algo natural no início da vida (ILARI, 2013).

Notadamente os bebês têm a capacidade de percepção de alturas. Dentro do útero eles são capazes de ouvir sons graves melhor que os sons agudos, após o nascimento, essa capacidade se inverte, sendo capazes de ouvir melhor os sons agudos do que graves (Lecanuet et al., 1995 apud ILARI, 2013, p. 36). Isto é, podemos observar que as trilhas sonoras favoritas de um bebê são as que utilizam majoritariamente sons agudos. Percebe-se também o modo com o qual falamos com os bebês, normalmente utilizando a voz mais aguda, pausada e suave, modo de fala de que os bebês parecem gostar.

Segundo a psicóloga Trainor (2005 apud ILARI, 2013, p. 37), os bebês conseguem reconhecer diferentes versões de músicas que estão habituados a ouvir; a descoberta foi feita a partir de um estudo em que Trainor pediu para que um grupo de mães gravasse para seus filhos duas versões da mesma música, com as seguintes diretrizes: Na primeira versão, a mãe cantava diretamente para o bebê, já na segunda versão a mãe cantava na ausência do bebê. De forma surpreendente, o bebê, ao ouvir a segunda versão, em que se encontrava ausente, não demonstrou interesse, em contraste da primeira versão, que o bebê ouviu de forma atenta. Isto é, a voz da pessoa cantando pode ter variações com a simples presença do bebê, tornando a voz mais aguda, melodiosa e expressiva, uma diferença que o bebê tem capacidade de distinguir (ILARI, 2013).

Dentre os elementos que a criança domina desde cedo, se encontra o ritmo. Já dentro do útero, eles são rodeados por sons do corpo materno, como as batidas do coração, que se intensifica aos ritmos seguidos em uma rotina: acordar, comer, brincar, descansar, dormir, seguindo até ao final do dia. Dessa forma, as crianças já conseguem diferenciar ritmos diversos, compreendendo-os para diferentes atividades do cotidiano (Ilari, 2013).

1.6 Repertório musical das crianças

A respeito da educação musical dos pequenos, existe a concepção de que o repertório de escuta das crianças deve ser apenas voltado a canções infantis, com a justificativa de que o cérebro das crianças não tem a capacidade de processar músicas complexas, o que é discordado por Ilari (2013). Para a autora, bebês de oito meses já conseguem reter música clássica, tendo a capacidade de guardá-la na memória. As crianças são ouvintes tal qual os adultos e esse compartilhamento de escuta é natural e prazeroso para a criança, havendo pesquisas da psicologia do desenvolvimento que mostram o grande potencial cognitivo e a presença das habilidades nas crianças. (ILARI, 2013).

Para Ilari (2015), a natureza da criança é ser curiosa, podendo realizar tarefas auditivas com mais êxito que os adultos, ao mesmo tempo em que as coisas conhecidas dão conforto; essa curiosidade é natural do ser humano se mostrando atento a coisas novas e desconhecidas.

1.7 As preferências musicais das crianças

Diante disso, as crianças também podem ter suas preferências musicais. Ilari (2013) explica que desde a mais tenra idade, as crianças já apresentam preferências por comidas, pessoas, lugares, brinquedos e por música. Podemos citar vários exemplos em que alguma criança apresentou suas preferências musicais: quando a criança pede aos pais para que troquem a música que está sendo tocada para uma que ela prefere ouvir ou quando a criança tenta imitar seu vocalista favorito durante um evento ou quando uma criança pede para que os pais cantem sua música preferida.

Acerca disso, as preferências e gostos musicais de uma criança e adolescente são moldados a partir das vivências em família, onde há o compartilhamento musical entre elas. De acordo com Penna et al. (2022), a família é o principal alicerce nos primeiros contatos da criança com a música dentro de casa, capaz até de moldar as preferências de gerações futuras.

Sendo os primeiros anos de vida uma fase importante para incluir repertórios novos na vida da criança, para que os bebês e as crianças criem preferências musicais, é necessário que tenham contato frequente com diferentes sons, desenvolvendo familiaridade com a música. Não cabendo apenas a experiência musical a ser extraída pelas crianças, mas sim o afeto transmitido durante o compartilhamento de experiências musicais. (ILARI, 2013).

Essa relação entre afeto, convivência e repertório contribui diretamente para que as crianças desenvolvam seus próprios modos de ouvir música. Para Palheiros e Hargraves (2003), as maneiras de ouvir música variam de acordo com as características pessoais do ouvinte, como a idade e formação musical, assim como com a situação de escuta em que está inserido, a intenção da escuta e o contexto físico e social no qual ele está inserido.

É importante salientar que as preferências musicais da criança acabam se modificando no período da adolescência, podendo ser totalmente o oposto do que ela ouvia quando criança (ILARI, 2013). A autora conclui que as crianças e adolescentes passam a gostar daquilo que é compartilhado com eles em seu cotidiano, podendo ser através de conversas, programas de rádio ou TV e até comentários em que fazemos pensando que não estão ouvindo. Beatriz Ilari cita em seu livro que Small (1998 apud ILARI, 2013, p. 59) sugere que “As crianças são como esponjinhas que sugam informação, através de ouvidos e mentes superatentos”.

2. Metodologia

2.1 A pesquisa “Primeiros Tons”

Para a metodologia, utilizamos os dados coletados da pesquisa intitulada *Primeiros Tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos*, pesquisa que aconteceu no Curso de Música da UFMS em 2024. O projeto foi realizado por pesquisadores da UFMS e da Universidade de Harvard dos Estados Unidos e ofereceu 30 vagas para atividades de desenho e música, totalmente gratuitas, destinadas às crianças da comunidade interna e externa à UFMS. A intervenção consistiu em 10 encontros realizados nos meses de março a maio de 2024; no grupo de musicalização infantil, as crianças tiveram atividades de canto coletivo juntamente com a utilização de instrumentos musicais, conduzidas pela professora e coordenadora do projeto, Mariana Stocchero, com o apoio de um bolsista. Paralelamente, também foram oferecidas oficinas de desenho, nas quais as crianças utilizaram diversos materiais artísticos, ministrados por uma bolsista de Artes Visuais.

O objetivo do estudo foi desenvolver uma ferramenta de avaliação do sentimento de pertencimento em crianças pequenas, com base nos mecanismos psicológicos ao fazer música de forma coletiva. As crianças foram divididas em dois grupos; um grupo realizou atividades de musicalização enquanto o outro realizou atividades de desenho tendo acesso às mesmas canções trabalhadas na musicalização.

Segundo Mariana Stocchero, em entrevista à Revista Candil (2024) “O fazer musical contribui para o desenvolvimento global da criança na medida em que estimula aspectos cognitivos, sociais e psicológicos. Compreender o sentimento de pertencimento é importante para promover atividades que contribuem para o desenvolvimento psicológico saudável das crianças”. Isto é, o estudo sobre os aspectos da saúde mental das crianças pequenas através da música auxilia no avanço de discussões teóricas da área e na legitimação necessária da arte enquanto direito na vida das crianças.

2.2 A escala Music in Everyday Life – MEL

O projeto utilizou como instrumento de coleta de dados, a escala chamada Music in Everyday Life - Mel, criado por Tali Gottfried e Grace Thompson (2018) que consiste em uma avaliação de auto relato inicialmente destinada a medir o uso da música pelos pais de crianças do espectro autista no ambiente doméstico em uma abordagem musico terapêutica, com o objetivo de compreender e desenvolver a confiabilidade de uma avaliação referente a auto relato de cada responsável, gerando uma base direcionada para discussões futuras entre pais e musicoterapeutas durante as sessões.

Estudos já abordaram a utilização do MEL em outros contextos bem como sua validade e sua tradução para o português brasileiro. Segundo Gottfried et al. (2018), a validade do MEL foi obtida em dois países como a Austrália e Israel, de diferentes idiomas, Inglês e Hebraico, tornando a escala uma ferramenta ampla para as famílias. A escala MEL, preenche um espaço vazio de recursos, trazendo aos musicoterapeutas uma avaliação validada como mediadora do uso da música no dia a dia de pais e crianças com autismo, podendo analisar o impacto do trabalho de musicoterapeutas fora das sessões de musicoterapia.

Com base nisso, para Gottfried et al. (2018), o foco da avaliação MEL, destaca a necessidade dos musicoterapeutas oferecem mais atenção à confiança e ao conforto entre os pais em relação ao uso da música no cotidiano em casa. Ademais, apoiar as relações entre pais e filhos por meio do compartilhamento musical, deve ser uma prioridade aos musicoterapeutas, possibilitando atividades musicais acessíveis e agradáveis para serem realizadas no ambiente familiar, não sendo necessária a presença dos musicoterapeutas. Nessa perspectiva, acaba se tornando fundamental compreender como a escala MEL foi adaptava no contexto das famílias brasileiras, para garantir que o seu uso chegue de forma adequada para as práticas culturais e familiares do país.

A escala Mel para uso no Brasil obteve uma adaptação transcultural, discutida inicialmente e publicada no ano de 2015, seguindo os padrões de Ridder et al. (2015 apud Gattino et al., 2017). Os autores citados por Gattino et al. (2017) analisaram diversos métodos utilizados para a tradução de instrumentos avaliativos em diferentes

áreas, concluindo o procedimento proposto por Wild et al. (2005 apud Gattino et al., 2017) como o mais adequado para a musicoterapia.

O processo de tradução foi organizado em 10 etapas. Tais etapas basearam-se em uma (1) *Preparação*, em que uma solicitação de tradução da escala MEL foi enviada diretamente às autoras Tali Gottfried e Grace Thompson, o que pôde se mostrar como uma importante avaliação no contexto brasileiro. As (2) *Traduções independentes* constituíram-se na tradução feita por dois musicoterapeutas que dominavam a língua inglesa, tradução essa que foi realizada de forma independente e em seguida enviada para o coordenador da pesquisa.

A (3) *Reconciliação das traduções em uma tradução* foi a etapa em que houve a comparação dos dois instrumentos e a criação de uma única versão. A (4) *Retrotradução* foi tradução da versão única para o português. A (5) *Revisão da retrotradução* dirigiu-se a uma avaliação da qualidade do processo anterior, sendo comparado com o instrumento original, o que se mostrou ter pequenas diferenças entre o original, promovendo um entendimento claro do instrumento na língua portuguesa.

Outra etapa trabalhada foi a de (6) *Harmonização de todas as versões da escala*, em que a comparação geral de todas as versões traduzidas foi realizada, com o intuito de verificar diferenças no processo, diferenças essas que não foram encontradas. O (7) *Entendimento cognitivo* foi uma etapa em que se verificou o modo em que o instrumento é compreendido por outros profissionais e suas formas de interpretação entre eles. Para isso, um comitê formado por cinco musicoterapeutas avaliou o instrumento traduzido. Dos 5 revisores, apenas um pontuou um nível de clareza baixo em comparação aos demais, o que mais tarde foi revisado.

Já na (8) *Revisão do processo cognitivo, resultados e finalização*, foi verificada a necessidade da correção da versão final do instrumento. Na (9) *Prova de leitura*, foi feita uma revisão geral para que a versão final da escala fosse aceita por todos os revisores. Por fim, foi feito um (10) *Relatório final do processo*, expondo detalhes do procedimento e dos participantes envolvidos no estudo.

Para Gattino et al. (2017), os processos mostraram uma semelhança a outros instrumentos já validados no Brasil, recebendo atualizações nos métodos de tradução

utilizados mundialmente na área da musicoterapia. A tradução da escala Mel ampliou, então, o uso na musicoterapia brasileira

Foram coletados 31 questionários MEL na primeira etapa da pesquisa, a etapa de pré intervenção, e após a intervenção, os questionários foram aplicados novamente, numa etapa pós-intervenção. Para este trabalho, optamos por utilizar somente os dados da etapa de pré intervenção.

A escala Mel é preenchida pelo responsável da criança, visto que seu objetivo é compreender até que ponto os pais são aptos a envolver as crianças em atividades musicais: os itens presentes no Mel destinam-se às experiências musicais compartilhadas entre pais e filhos. A avaliação pede aos pais uma estimativa de uso musical com seus filhos na última semana, constando 28 itens divididos em 8 domínios no total.

Os domínios 1 a 4 registram a frequência de várias ações envolvendo a música durante a semana anterior, como: Cantar, tocar instrumentos musicais, ouvir música juntos e tocar aplicativos musicais juntos (utilizando smartphone ou tablets), cada item mede a atividade em uma escala de 5 pontos (nem um dia da semana – um dia da semana – alguns dias da semana – quase todos os dias da semana – todos os dias da semana).

Em cada item de interação entre pais e filhos, medem a qualidade de tais interações, por exemplo, “como você acha que seu filho respondeu, de forma geral, ao tocar com um aplicativo de música com você?” Com opções organizadas em uma escala de 4 pontos: Muito positiva – um pouco positiva – nem positiva nem negativa – negativa. E por último, uma percepção dos pais sobre as interações (experiência positiva ou negativa).

O domínio 5 trata-se da presença de um membro da família que toque algum instrumento musical, seguindo a frequência com que esse familiar tocou o instrumento musical com a criança na semana passada e sua qualidade em relação à interação entre a criança e a pessoa que tocou o instrumento.

No domínio 6, observamos os gêneros mais ouvidos pela família durante a presença da criança, divididos em 8 categorias: Música de herança cultural, música clássica, jazz, canções infantis, música pop, música relaxante, música para dançar

e/ou outras. Em seguida, uma escala de cinco pontos fica disponível aos pais relacionando-a com a frequência de escuta (nenhum a todos os dias da semana), havendo também, um espaço de texto livre, para que os pais possam expandir ou explicar melhor sobre o assunto.

Domínio 7 se baseia na frequência com que os pais utilizam a música para ajudar as crianças em 8 atividades de rotina como acalmar-se, na hora das refeições, na hora de dormir, compreender a rotina diária, divertir-se e sentir prazer, fazer uma transição suave entre as atividades, aprender coisas novas e viajar com calma no carro ou ônibus. A frequência de cada item foi avaliada utilizando uma escala de cinco pontos (nenhum a todos os dias da semana).

Por último, temos o domínio 8 que consiste em um item de pergunta aberta, onde os pais podem comentar qualquer comentário sobre a relação de seus filhos com a música.

3. Apresentação e análise dos dados

A avaliação MEL se baseia em 28 itens, organizados em 8 domínios, medindo cada atividade em uma escala de satisfação com o intuito de coletar a experiência entre pais e filhos ao fazer aquele tipo de atividade. Para a coleta de dados, foram entrevistados 31 responsáveis de crianças com 4 e 5 anos, entre eles, 83,3% (26) eram mulheres e 16,7% (5) eram homens.

Esta seção terá foco na análise dos domínios 1 - Cantando Juntos, domínio 3 - Escutando música juntos, domínio 4 - Utilizando aplicativos musicais juntos, domínio 6 - Gêneros musicais preferidos e domínio 7 - frequência de uso de música para apoiar atividades na vida cotidiana. Apresentando os resultados obtidos pela escala Mel “Music In Everyday Life” no projeto intitulado Primeiros Tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos.

3.1 Domínio 1: Cantando Juntos

No primeiro domínio da escala, se mede a frequência com que os pais cantaram com as crianças durante a semana anterior e a experiência que a criança teve ao realizar tal atividade, do ponto de vista dos pais. Apresentam-se a seguir, na tabela 1, os dados da frequência com que os pais cantaram com seus filhos durante a semana anterior.

Gráfico 1 - Cantando Juntos



Fonte: Elaboração da autora.

Observe-se na tabela 1 que 45,2% (14) dos pais cantaram quase todos os dias da semana com seus filhos, 32,3% (10) cantaram alguns poucos dias da semana com as crianças, 16,1% (5) cantaram todos os dias da semana, 3,2% (1) cantaram apenas um dia da semana com os filhos e 3,2% (1) responderam a opção “nenhuma das anteriores”.

Em relação à experiência da criança na percepção dos pais em realizar o domínio 1: cantando juntos, 90,3% (28) dos pais responderam que foi uma experiência muito positiva para a criança, 6,5% (2) responderam que foi uma experiência pouco positiva para a criança, enquanto 3,2% (1) responderam que foi uma experiência negativa para a criança. Vejamos a seguir, algumas respostas dos pais:

Quadro 1 - Cantando Juntos

Número de coleta	Comentários coletados
14	“Positiva, pois posso interagir com minha filha, brincar com ela, desenvolver a sua fala e o imaginário da minha filha com a brincadeira. “
25	“ Muito positiva, transforma o trajeto para a escola em diversão, eleva o ânimo, consigo me comunicar no trabalho com mais confiança.
26	“Na maioria das vezes positiva, mas às vezes negativa, quando estou muito cansada e durmo durante a canção, ela me acorda e sinto um misto de raiva (quero dormir) e consciência pesada por me sentir com raiva. “

Fonte: Elaboração da autora.

Podemos observar no quadro 1 que a utilização da música em atividades do cotidiano é algo prazeroso, tanto para as crianças quanto para os pais. Para Ilari (2013), no quesito da música, é muito comum que os pais coloquem CDs ou DVDs para substituir a atividade de cantar e dançar com seus filhos, por não se sentirem bem ao cantar ou terem certa vergonha.

Desta forma, embora Ilari (2013) aponte que muitos pais tendem a substituir o ato de cantar por recursos tecnológicos, os dados apresentados no quadro 1 revelam uma realidade distinta. A significativa participação dos pais na atividade na questão “cantando juntos”, se mostrou como satisfatória sugerindo não apenas um envolvimento da música no cotidiano familiar, mas também uma possível presença já inserida na vida dos pais, o que acaba facilitando o compartilhamento entre as crianças.

Sobre a importância de cantar juntos, Boal-Palheiros (2003), descreve que o ouvir e interpretar, realizadas de forma simultânea se tornam uma expressão de prazer, que pode ser transmitida tanto de forma individual quanto de forma conjunta. Para o autor, essa expressão de prazer é gerada pelo desejo de adentrar na música, podendo ser um modo de identificação com um cantor favorito. A atividade de cantar traz grandes benefícios na primeira infância, desenvolvendo a linguagem, a memória e a regulação emocional, oferecendo também benefícios físicos, melhorando a respiração e a postura. De acordo com A Community early learning Austrália (2023) ao trazer os 4 benefícios de cantar com crianças pequenas, descreve que cantar pode ajudar as crianças pequenas no desenvolvimento das habilidades linguísticas, sociais, emocionais e cognitivas.

No que tange ao desenvolvimento de habilidades linguísticas, ao cantar uma música a criança pode aprender novas palavras e seus significados, além de trabalhar a memória ao repetir palavras e frases presentes em uma determinada música. Quanto às habilidades sociais, a criança que canta em conjunto geralmente terá mais facilidade em se relacionar socialmente. No âmbito das habilidades emocionais, as crianças utilizam de todo o corpo para se expressarem, podendo entender e controlar suas emoções, além de favorecer a autoconfiança e facilitar a comunicação com outras crianças e adultos.

Por fim, cantar pode ajudar as crianças no desenvolvimento das habilidades cognitivas, aprendendo novos conceitos e reforçando o aprendizado (COMMUNITY EARLY LEARNING AUSTRÁLIA, 2023).

3.2 Domínio 3: Escutando música juntos

No domínio 3, os pais são questionados sobre quantas vezes ouviram música com seus filhos na semana passada.

Gráfico 2 - Escutando música juntos



Fonte: Elaboração da autora.

Observamos que 45,2% ouviu música todos os dias da semana com as crianças, 35,5% ouviu quase todos os dias da semana, 12,9% ouviu em alguns poucos dias da semana, 3,2% ouviu apenas um dia da semana e 3,2% responderam

“nenhuma das anteriores”. Em relação ao item 3a, a experiência das crianças na atividade, 93,3% dos pais responderam que foi uma experiência muito positiva, 3,3% responderam que foi uma experiência pouco positiva e 3,3% responderam que foi uma experiência nem positiva nem negativa para a criança. Segue abaixo comentário adicionados pelos pais, sobre a experiência:

Quadro 2 - Escutando música juntos

Número de coleta	Comentário coletado
02	“Ouvimos música todos os dias, no carro ou em casa na TV (apenas áudio ou com vídeo também) é um momento de muita interação familiar. “
17	“Positiva, em nossa rotina gostamos de escutar e dançar música juntos, momento em que mostramos as nossas preferências. “
25	“Positivo, traz leveza para o dia, os afazeres domésticos. Me sinto menos cansada e estressada, consigo ser mais carinhosa. “

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre as interações familiares escutando música juntos, é interessante notar que uma parte dos pais considera este um momento positivo no cotidiano familiar, sendo veículo de afetividade e trazendo oportunidades de proximidade com as crianças. O respondente C17 exprime que a experiência de ouvir música em família é “Positiva, em nossa rotina gostamos de escutar e dançar música juntos, momento em que mostramos as nossas preferências. “

Neste sentido, para Boal-Palheiros (2003) a exposição de obras musicais desde a infância tem grande influência nas preferências musicais do indivíduo ao longo de sua vida e das gerações futuras.

O respondente C25 afirma que: “... traz leveza para o dia, os afazeres domésticos. Me sinto menos cansada e estressada, consigo ser mais carinhosa. “Já o respondente C02 expõe: “Ouvimos música todos os dias, no carro ou em casa na TV (apenas áudio ou com vídeo também) é um momento de muita interação familiar.”

Apesar de este ser um momento indicado pelos respondentes, de muita interação familiar, a música não é o foco da interação, mas sim ferramenta. Ao indicarem o carro, os afazeres domésticos, entende-se que a música está presente como pano de fundo.

Neste sentido, Silva e Barbosa (2017, p. 3), chamam a atenção para a diferença entre uma escuta ativa e uma escuta passiva: “ a escuta é, sem dúvida, a primeira e

a mais importante ferramenta de contato [com a música...]. Saber escutar música de maneira atenta, crítica e afetiva é bastante diferente do que ter a música como fundo sonoro para outras atividades”.

Conforme a distinção entre a escuta ativa e passiva, é possível compreender como os modos de ouvir música também se transformaram ao longo do tempo, influenciando de forma direta a qualidade e o tipo de escuta que se estabelece para aquele tempo ou época em que o indivíduo pertence.

Em pesquisa desenvolvida, Penna et al. (2022) destacam a importância da escuta musical apresentada na infância e na juventude, em que as famílias ouviam música através de discos, principalmente do vinil. As autoras observaram que ao longo das gerações, as formas de escuta foram se modificando, passando de discos de vinil para CDs, de CDs para arquivos de computador e assim, acompanhando a evolução das mídias digitais. Isto é, havendo uma mudança de como se registrar música, afetando a divulgação e o consumo, consequentemente mudando a forma de escuta, tanto coletiva quanto individual.

Segundo Arroyo, Bechara e Parrmann (2017 apud Penna et al., 2022), a contemporaneidade nos trouxe grandes evoluções tecnológicas, desenvolvendo a internet e novos dispositivos tecnológicos, como smartphones e tablets, contendo o acesso direto a streamings como o Youtube e o Spotify, nos dando novas formas de acessar, criar, escutar, compartilhar, aprender e ensinar música. A apreciação musical também vai se desenvolvendo, ganhando um caráter mais pessoal, porém não deixando de ser algo socialmente compartilhado, visto que as redes sociais possibilitam a interação (Beltrame et al., 2023).

No quesito do uso tecnológico e da música, o domínio 4 do Music in Everyday Life - MEL foca justamente nesta questão.

3.3 Domínio 4: Utilizando aplicativos musicais juntos.

No domínio 4, apresenta-se a utilização de aplicativos musicais de um smartphone ou tablet para tocar e ouvir música com as crianças.

Gráfico 3 - Utilizando aplicativos musicais juntos

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que há distintas respostas em relação ao uso de aplicativos, 35,5% não usa aplicativos musicais em smartphones ou tablets para ouvir música, 25,8% usa aplicativos quase todos os dias da semana para ouvir música, 16,1% utiliza aplicativos musicais apenas um dia da semana, 12,9% usa aplicativos musicais em alguns poucos dias da semana e 9,7% usa aplicativos musicais todos os dias da semana.

Na seção de experiência ao realizar a atividade utilizando aplicativos juntos, 82,6% (19) responderam que foi uma experiência muito positiva para a criança, 4,3% (1) responderam que foi uma experiência pouco positiva para a criança, 8,7% (2) responderam que foi uma experiência nem positiva nem negativa para a criança e 4,3% (1) responderam que foi uma experiência negativa para a criança.

Abaixo temos comentários adicionais sobre a percepção dos pais em relação à criança e à atividade.

Quadro 3 - Utilizando aplicativos musicais juntos

Número de coleta	Comentários coletados
04	“Positiva. Sempre ouvimos música pelos dispositivos móveis; minha preocupação é gerar interesse demais em celular ou tablet para fazer outras coisas, além de só ouvir música. “
14	“Negativa, pois procuro evitar música pelo smartphone devido à tela pequena e à não recomendação dos médicos. Minha filha gosta, porém eu evito. “
31	“Positiva. Na verdade, ele tem um aplicativo no celular de música que às vezes ele mesmo toca igualzinho ao original. Eu fico maravilhada. “

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre a utilização de aplicativos musicais juntos, notamos que uma parte significativa dos pais responderam que não utilizam smartphones e tablets como recurso para a escuta musical. O respondente C14 relata que: “... procuro evitar música pelo smartphone devido à tela pequena e à não recomendação dos médicos. Minha filha gosta, porém eu evito. ” Tal comentário nos mostra que há um receio ao utilizar dispositivos com a criança, podendo ser a influência para as respostas terem sido contraditórias entre os pais.

Sabemos que a tecnologia tem se tornado cada vez mais utilizada na vida das pessoas, o que gera preocupação entre os pais com o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos pelos seus filhos. A respondente C04 descreve que os dispositivos para escutar músicas são utilizados no cotidiano com a criança, mas ainda gera certa preocupação “...Sempre ouvimos música pelos dispositivos móveis; minha preocupação é gerar interesse demais em celular ou tablet para fazer outras coisas, além de só ouvir música. ”

Para Moreira e Martins (2023), em seu artigo sobre o uso consciente dos recursos tecnológicos, apontam para o uso de dispositivos tecnológicos por crianças ter riscos ao falar sobre excesso, porém, pode nos trazer também benefícios; isso inclui o acesso a informações, que pode ser utilizado para a conquista de conhecimento e habilidade da criança. Os dispositivos têm recursos para treinamento, como jogos educativos, podendo desenvolver as habilidades cognitivas das crianças e do adolescente.

Segundo o Manual de Orientação #MenosTelas #MaisSaúde da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) atualizado em 2024, é recomendado que crianças com

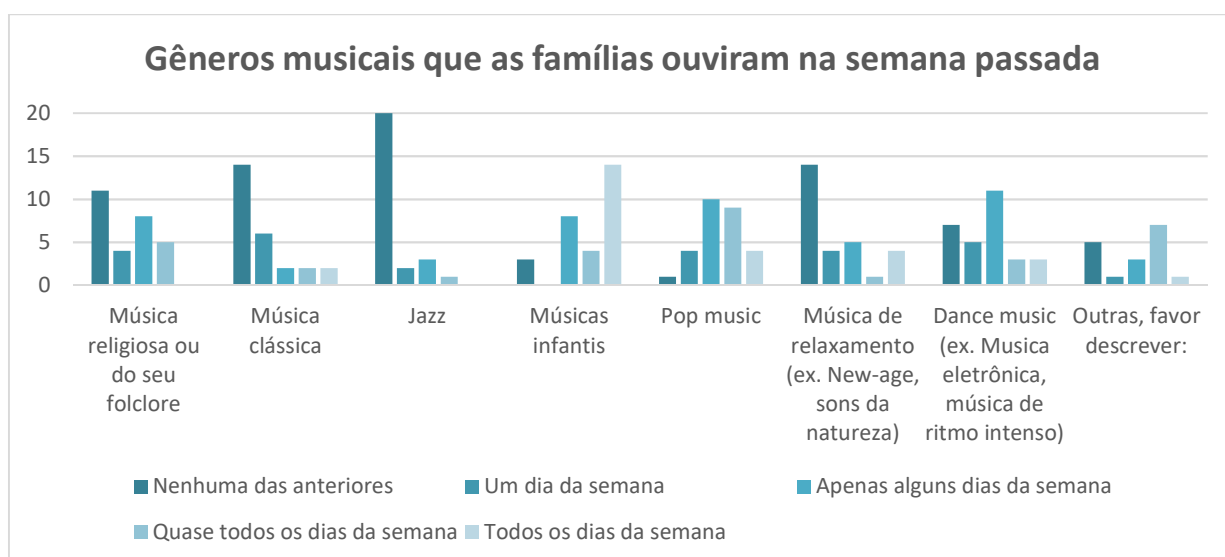
idade entre 2 e 5 anos tenham tempo de tela limitado a 1 hora por dia, sempre com supervisão de um responsável, evitando o uso no período noturno. É de responsabilidade dos pais o monitoramento dos conteúdos acessados pela criança e a forma em que se utiliza o dispositivo, evitando usar recursos tecnológicos como forma de acalmar as crianças.

O acesso a dispositivos tecnológicos como smartphones, tablets, notebooks e computadores tem crescido gradativamente em crianças com idades cada vez mais precoces, a fim de entreter a criança de forma mais prática, o que chamamos de distração passiva, resultado da forte presença e pressão do consumismo de joguinhos e vídeos de telas, isso ocorre por publicidades de indústrias de entretenimento, algo distinto do brincar ativamente, direito de toda criança e adolescente em fase do desenvolvimento cerebral e mental.

3.4 Domínio 6: Gêneros musicais preferidos.

Neste domínio, podemos observar qual o tipo de música que a família ouviu na semana anterior.

Gráfico 4 - Gêneros musicais preferidos



Fonte: Elaboração da autora.

Na opção “outras, favor descrever”, os gêneros mais citados pelos pais foram: o gospel, mpb, samba, rap, músicas internacionais e rock, demonstrando um interesse

das crianças por gêneros musicais considerados como “não infantis”, mostrando preferência por gênero musical.

Quadro 4 - Gêneros musicais preferidos

Número de coleta	Comentário coletado
01	“Ele gosta de músicas de ação para interpretar histórias, prefere o gênero rock para isso.
04	“Tento variar o estilo e ouvimos muito MPB, samba; mas ela vem se interessando muito no pop, além de músicas infantis e de desenhos animados.

Fonte: Elaboração da autora.

Para Penna et al. (2024), a exposição a obras musicais desde a infância tem grande influência nas preferências musicais ao longo da vida, sendo possível até a transmissão entre gerações futuras. A família tem o ambiente propício para a formação de gostos musicais, com as referências adquiridas na infância, podemos apontar principalmente as escutas compartilhadas entre família e amigos, se mantendo presentes até a vida adulta. Portanto, identificamos que o compartilhamento de experiências musicais no cotidiano das famílias tem grande influência nas nossas escolhas e formas de se relacionar com a música.

Segundo Silva (2023) em seu artigo sobre a família como espaço de relações de escutas musicais, em que traz relatos de dentro de sua própria família, os adultos escutavam sertanejo de forma coletiva na varanda, enquanto as crianças praticavam a escuta de forma individual, em um local afastado dos adultos, ouviam um repertório de gosto pessoal em seus fones de ouvido.

Podemos observar que os modos de escuta utilizados por ambos contêm tecnologias diferentes um dos outros. A autora nomeia essas práticas de escutas musicais como “estratégias de escuta”, sendo a escolha de dispositivos ou mídia para determinados objetivos e intenções de escuta e repertório a ser ouvido. A escuta individual tem se destacado de forma ainda mais perceptível com o desenvolvimento de novos meios de escuta; as crianças e adolescentes demonstram preferência por não compartilhar o que estão ouvindo em seus dispositivos, optando pelo uso dos fones de ouvido.

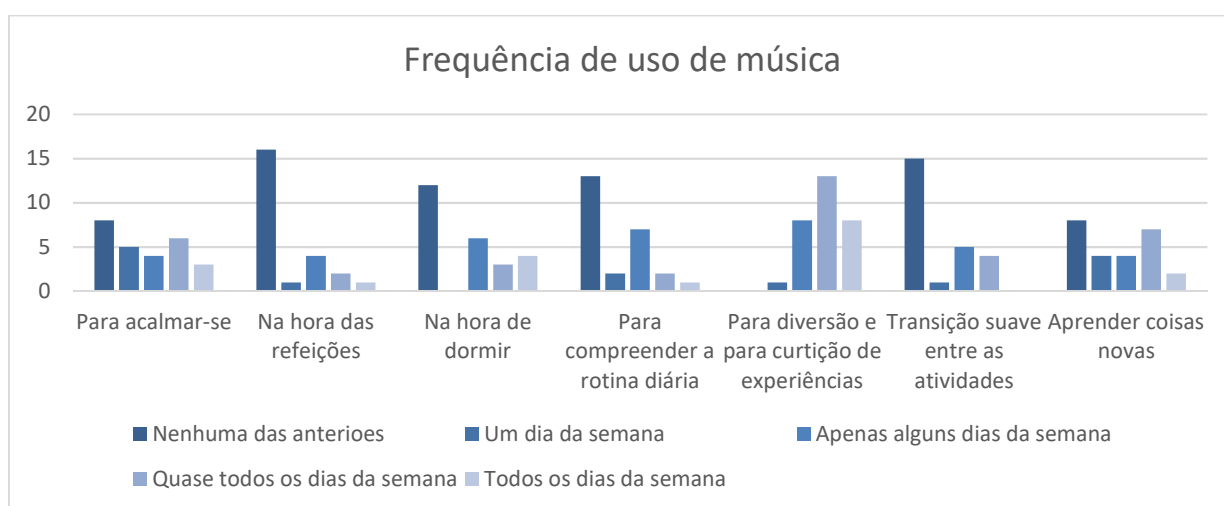
Para Boal-Palheiros (2003) em meados da segunda metade do séc. XX, com as transformações tecnológicas e sociais, as experiências do indivíduo parecem ter se tornado mais individualizadas. Dessa forma, podemos observar que as práticas

destacadas pelo autor reforçam o modo de escuta voltado à privacidade, contribuindo para a construção de hábitos musicais cada vez mais centrados no sujeito e menos na vivência coletiva.

3.5 Domínio 7: Frequência de uso de música para apoiar atividades na vida cotidiana.

Neste domínio, identificamos qual a frequência com que as famílias utilizam da música para apoiar as crianças em atividade do cotidiano.

Gráfico 5 - Frequência de uso de música para apoiar atividades na vida cotidiana



Fonte: Elaboração da autora.

Ao observar no gráfico acima, podemos observar que a atividade em que a música foi mais usada durante a semana anterior, é na opção de usa-la para diversão e curtir experiências vivenciadas, onde 8 dos respondentes, dizem ter realizado a atividade todos os dias da semana, enquanto 13 respondentes afirmam ter usado a música quase todos os dias da semana para fins de diversão e curtir. Outras opções mais votadas foram a atividade em aprender coisas novas, que obteve 7 respondentes e para acalmar a criança, com 6 respondentes. De acordo com a respondente C04 ao falar sobre as atividades em que a música é inserida no cotidiano da família, relata que “Ouvimos música em horário de lazer, no banho, ao acordar, no fim da tarde e, principalmente, aos finais de semana”.

O relato do respondente C04, se relaciona com o trabalho de SILVA (2023), onde ao observar e analisar a relação da sua família com a música, destaca que das 22 observações realizadas nesse contexto, os momentos em que a música mais se apresentou foi durante as confraternizações em família realizadas exclusivamente nos finais de semana, em que a música se mantinha presente do início ao fim dos encontros.

As que obterão menor uso da música durante a semana, respondida como opção de “Nenhuma das anteriores” foram as seguintes opções: Na hora das refeições (16 respondentes), transição suave entre as atividades (15 respondentes), para compreender a rotina diária (13 respondentes) e na hora de dormir (12 respondentes), reforçando assim, a ideia de que a música atua como elemento agregador nas dinâmicas das famílias, principalmente nos momentos de convívio coletivo entre elas, dando ênfase no seu papel, ao criar vínculos afetivos e construir memórias compartilhadas entre as famílias.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as formas de interação musical presentes no cotidiano de famílias com crianças de 4 a 5 anos, a partir dos dados coletados pelo questionário Music in Everyday Life – MEL, ferramenta utilizada no projeto de pesquisa *Primeiros Tons: práticas comunitárias artísticas para crianças de 4 e 5 anos*. Os resultados expuseram a forte presença da música no convívio familiar, utilizada como uma importante ferramenta nos momentos de lazer, beneficiando o valor emocional e organizacional da criança em seu dia a dia. Os dados indicam que as atividades de cantar e ouvir música juntos foram relatadas como experiências positivas por grande parte das famílias respondentes, se apresentando como resultado satisfatório. No que tange a ouvir música em família, podemos concluir que essa atividade pode trazer benefícios não apenas à expressão de afeto e à construção de vínculos, mas também ao desenvolvimento de preferências musicais da criança e ao fortalecimento da comunicação entre pais e filhos, reforçando então a relevância da música como mediadora de interações cotidianas, dando destaque a seu potencial promovedor de experiências positivas estruturadas no contexto familiar.

Sobre os resultados do uso de telas como forma de interação musical, se apresentou como uma questão de respostas adversas comparado às demais atividades apresentadas. Apesar de algumas famílias relatarem que utilizam dispositivos como forma de interação musical, outras demonstraram receio e preocupação com os impactos negativos que o uso das telas pode causar para as crianças. Esse ponto mostra a necessidade de orientações que auxiliem as famílias a inserirem o uso das telas, de forma consciente e responsável.

Estes resultados levam a contribuições teóricas e práticas. No que tange às contribuições teóricas, o estudo contribui para ampliar as discussões na área da educação musical sobre a importância da música no cotidiano familiar e o quanto a presença dela impacta no desenvolvimento da criança. Também, se espera que incentive novas investigações para aprofundar o estudo das vivências musicais dentro de diversos contextos sociais e culturais das famílias, fortalecendo a música como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento do indivíduo.

Para as contribuições práticas, o trabalho pode incentivar as famílias a realizarem mais atividades musicais e inseri-las de forma corriqueira no convívio entre as crianças e os membros presentes na família, transformando a música em um

elemento comum no processo educativo, podendo assim, estimular a criação de atividades musicais, que favoreçam a expressão, criatividade e principalmente o vínculo afetivo entre os familiares e as crianças.

Quanto a limitações, é importante salientar que, nesta pesquisa, ao analisar os dados coletados por meio da escala MEL, pudemos observar algumas lacunas referentes a domínios deixados em branco, ou seja, alguns questionários não puderam ser analisados de forma completa, pela falta de dados de determinado respondente. Tal limitação se deu pela presença de outros questionários incluídos no projeto Primeiros Tons, como procedimento de coleta, sendo a escala MEL a última a ser preenchida pelas famílias, o que possivelmente resultou em um menor grau de atenção por parte dos respondentes.

Posto isso, em relação às futuras investigações, recomenda-se que sejam trabalhados mais estudos aprofundados no uso do instrumento MEL, como validador no estudo do cotidiano musical familiar, especialmente em pesquisas que abordem as práticas musicais realizadas no ambiente doméstico.

Em síntese, o presente trabalho atingiu seus objetivos ao analisar as formas de interação musical nas famílias com crianças pequenas, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a compreensão do tema estudado. Se espera que os resultados apresentados possam contribuir para futuras pesquisas e para o aprimoramento de práticas relacionadas à área da Educação Musical no cotidiano familiar.

Referências

- BIROLI, Flávia. Família: Novos Conceitos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2014. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/editora/livro/colecao-o-que-saber-familia-novos-conceitos/>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- BOAL-PALHEIROS, Graça M.; HARGREAVES, David J. Modos de ouvir música em crianças e adolescentes. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260204463_Modos_de_ouvir_musica_em_crianças_e_adololescentes. Acesso em: 17 nov. 2025.
- BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: concepções e significados. Licere, v.1, n.1, p. 9-17. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1552>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- BRUSCHINI, Cristina. Uma abordagem sociológica de família. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 6, n.1, p. 13-14. 1989. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/562>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- CID, Maria Fernanda Barboza. Cotidiano familiar: refletindo sobre a saúde mental infantil e a prática de atividades familiares. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. 3, p. 428, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/104787>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- COMMUNITY EARLY LEARNING AUSTRÁLIA. Quatro benefícios de cantar com crianças pequenas. Cela: Aprendizagem comunitária na primeira infância. Austrália: 2023. Disponível em: <https://www.cela.org.au/publications/amplify!-blog/jan-2023/four-benefits-of-singing-in-early-childhood>. Acesso em: 26 nov. 2025.
- CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões e tendências. 2. Ed. Fiocruz, 176 p., 2009. Acesso em: 13 nov. 2025.
- FINOTTI, Marcelo Abib. Estilo de vida: Uma contribuição ao estudo da Segmentação de Mercado, 2004. 176f. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade / USP, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-13092004-115348/pt-br.php>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. Os primeiros anos em suas mãos. São Paulo: 2024. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/primeiros-anos-suas-maos/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- GATTINO, Gustavo; AZEVEDO, Graciane Torres; DE SOUZA, Felipe. Tradução para o português brasileiro e adaptação transcultural da escala Music in Everyday Life (MEL) para uso no Brasil. Revista Brasileira de Musicoterapia, p. 165-172, 2017. Acesso: 25 de mar. 2024.

GOTTFRIED, Tali *et al.* Reliability of the Music in Everyday Life (MEL) Scale: A Parent-Report Assessment for Children on the Autism Spectrum. *Journal of Music Therapy*. v. 55, n. 2, p. 133-155, 7 jun. 2018. Acesso em: 25 mar. 2024.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Acesso em: 17 jun. 2025.

ILARI, Beatriz. Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Intersaberes, 2013. 202 p. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 set. 2025.

INSTITUTO ALANA. Ao honrar uma criança, honramos uma comunidade inteira: base comum sobre infância e educação. São Paulo: Instituto Alana, 2020. Disponível em: <https://alana.org.br/glossario/afeto>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MARCASSA, Luciana. A invenção do Lazer. Educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002. Acesso em: 13 nov. 2025.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do lazer: Uma introdução. 3. Ed. Campinas: Autores Associados, 2002. Acesso em: 13 nov. 2025.

MOREIRA, Celeste; DE FÁTICA MARTINS, Esmeralda. Uso consciente dos recursos tecnológicos: Qualidade de vida das crianças e adolescentes. *Recisatec – revista científica saúde e tecnologia*, 2023. Disponível em: <https://recisatec.com.br/recisatec/article/download/260/208> . Acesso em: 08 nov. 2025.

NAHAS, Markus Vinicius *et al.* Lazer ativo: Um programa de promoção de estilos de vida ativos e saudáveis para o trabalhador da indústria. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. v. 15, n.4, p.260-264, 2010. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/736>. Acesso em: 13 nov. 2025.

PENNA, Maura *et al.* Vivências musicais em família: Experiências na infância e juventude e suas relações com estudos na maturidade. Paraíba, 2024. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2253/public/2253-10927-1-PB.pdf. Acesso em: 9 nov. 2025.

SILVA, Carolina Cason da; GONÇALVES, Lilia Neves. A família como espaço de relações de escutas musicais. Minas Gerais, 2023. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/XXVICongresso/paper/view/1683/1207>. Acesso em: 9 nov. 2025.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. *Estudos Históricos*. V,8 n.16, p. 227-234, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2006>. Acesso em: 13 nov. 2025.

WHO. World Health Organization. A glossary of terms for community health care and services for older persons. 1.ed: japan, 2004.